REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

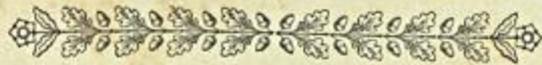
Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

12.º ANNO — VOLUME XII — N.º 380

11 DE JULHO DE 1889

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Eu não me lembro de ter visto nunca uma debandada tão grande como a que este verão ahi vae por Lisboa.

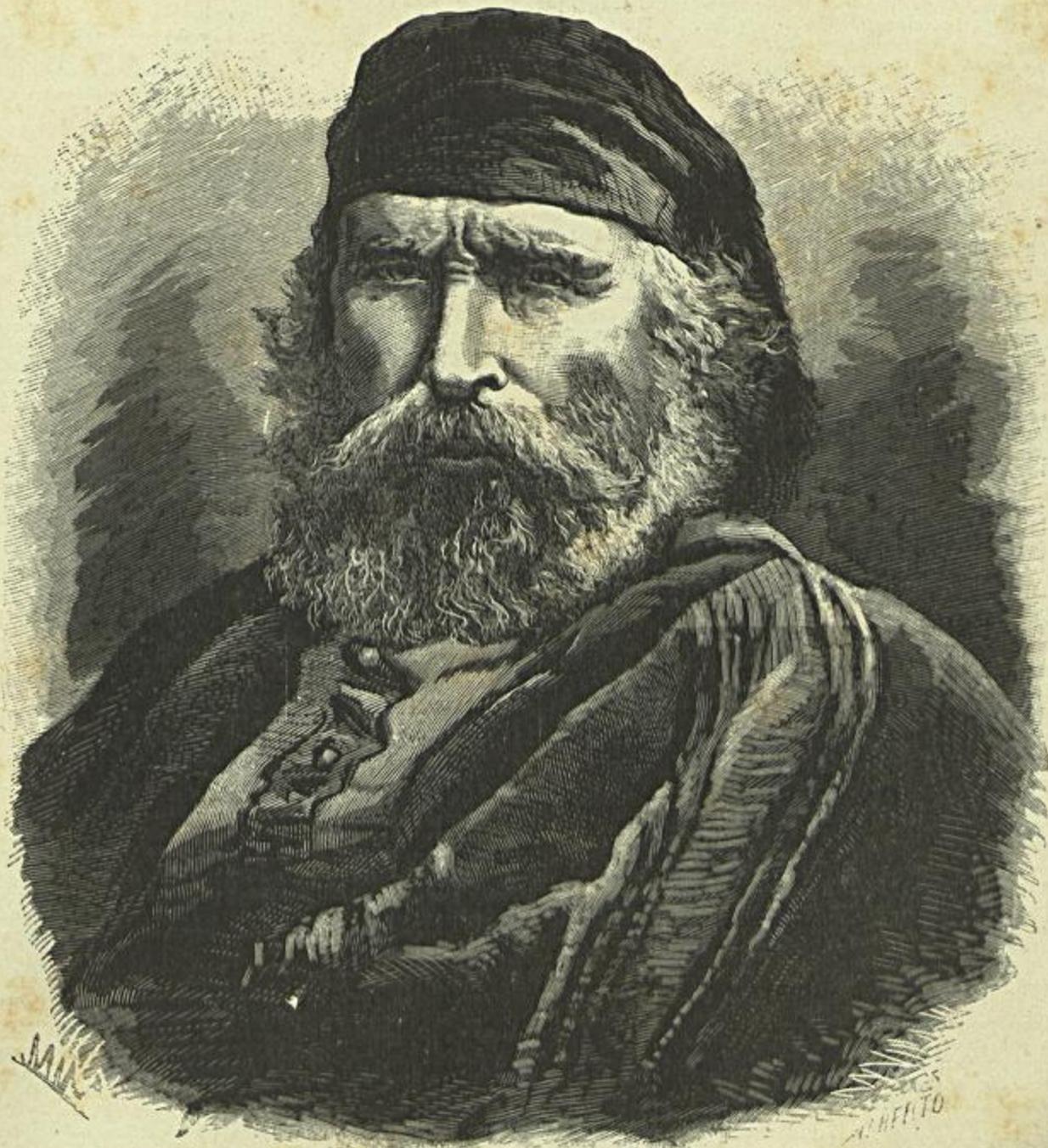
Os jornaes publicam todos os dias columnas e columnas compactas, cerradas, de listas dos nomes de pessoas que sahem para o campo, para as aguas, para o estrangeiro: das estações de S.ta Apolonia e de Alcantara sae por dia uma quantidade — para nós prodigiosa — de comboyos, e todos elles vão cheios a déitar por fóra, e apesar da população de Lisboa ser já muito grande, esses desfalques de todos os dias, pode dizer-se quasi de todas as horas, começa já a fazer-se sentir notavelmente, nas ruas, nos passeios e sobretudo nos theatros.

Quem não tem obrigações inaddiaveis que o prendam aqui vae por ahi fóra aproveitar a barateza excepcional dos preços que a companhia dos caminhos de ferro apresentou este anno, vae aproveitar as novas linhas ferreas que se estão inaugurando e pondo Lisboa em communicação rapida e facil com varios pontos do paiz onde até agora a viagem era cara, demorada e incommoda.

A linha ferrea do Algarve ha dias inaugurada á capucha, é uma d'essas linhas novas que está desafiando enormemente o apetite aos *touristes* de Lisboa.

Dizem-se maravilhas d'essa provincia que até agora era quasi completamente desconhecida do resto do paiz; quem de lá é, quem lá esteve uma vez, dizia que o Algarve é o Minho do sul; mas até agora a viagem do Algarve era feita um pedacinho á moderna, mas um pedação á antiga; havia n'ella de tudo como na botica, caminho de ferro, ao principio e depois viagem embarcado, viagem em diligencia, o demonio, uma masada que afugentava logo toda a idéa de recreio e a que só se submettia quem não tinha outro remedio; hoje concluida a linha ferrea e aberta á exploração, essa formosa provincia está já sendo muito visitada, e muito mais o será n'outra epoca que não tenha a viagem a Paris com a *great alliation* da Exposição Universal, e com o chamariz dos preços baratos a fazer-lhe uma concorrencia terrivel.

Ora d'um lado Paris — com a exposição e viagens a cinco libras por ida e volta, d'outro lado as estações d'aguas com as suas villegiaturas obrigadas, as viagens pittorescas pelo Minho e pela Galliza, a commodidade e a barateza do comboyo de Cintra, o novo comboyo do Algarve, e ainda a linha de Cascaes que está por dias a inaugurar-se e que vae dar uma nova vida a todas essas povoações marginaes do Te o, tudo isto é muto mais que bastante para quasi que despovoar Lisboa.

O que até agora ainda assim tinha demorado a debandada completa eram as camaras: de prorogação em prorogação chegaram até hoje: finalmente porém como n'este mundo tudo tem um fim, a sessão legislativa de 1889 teve o seu fim: as côrtes fecharam, os deputados votam ás suas terras e Deus sabe quantos d'elles cá voltarão co-

GARIBALDI

(Vid. artigo, pag. 126 — 132 — 154 etc.)

mo deputados, pois como é sabido esta sessão que terminou foi a ultima da legislatura e em breve o paiz vae ter esse *steplee-chasse* constitucional que se chama eleições geraes, *steplee-chasse* que poucos ou nenhuns attractivos tem porque de ha muito é sabido que quem n'elle ganha são os jockeis que levam as côres governamentaes.

Hoje conhece-se já muito em Lisboa a diminuição de gente, amanhã, fechadas as côrtes, muito mais sensivel será ainda esse encurtamento temporario de população.

Quem se hade ressentir muito d'isso hão de ser os theatros que persistem em se conservar abertos, e que vem fazer a Lisboa a fineza de a divertir durante os mezes de calor.

Receio muito que essa fineza não lhes seja bem paga, porque de mais a mais são nem menos de quatro os theatros que se preparam para funccionar em Lisboa n'esses tres mezes em que o calor entra e a população sae.

Quatro theatros e cada um com uma companhia de differente nacionalidade: o theatro da Trindade, companhia portugueza; o Colyseu, companhia hespanhola; a Avenida, companhia italianna, a rua dos condes, companhia franceza!

Eu não sei se esses theatros ganharão dinheiro ou não, mas o que sei é que os lisboetas que ficam na capital não se podem queixar de falta de divertimentos nem da falta de divertimento d'elles.

A companhia portugueza da Trindade vae pôr em scena uma magica de grande espectaculo com que gastou perto de dois contos de reis — A magica chama-se «O Gato Preto», é escripta pelo fallecido jornalista portuense o sr. Borges d'Avellar e pelo sr. Augusto Garraio; a musica é do maestro José Candido, e foi representada ha annos no Porto com grande successo.

N'essa magica debuta uma actriz nova, Mademoiselle Blanche, que era comprimaria em S. Carlos na epoca finda e que nos dizem ter uma excellente voz para o theatro e para o genero da Trindade.

Veremos e depois diremos.

A companhia hespanhola do Coliseu que ainda não pudemos ouvir tem uma artista de grande merito e de fama bem assente; Maria Montes, que é muito considerada e aplaudida em Madrid.

O reportorio da companhia é o melhor que ha no genero hespanhol, pois se compõe exclusivamente de zarzuelas comicas, alegres, divertidas, como o *Barberillo, o Plato del dia, a Cadiz, o Certamen nacional, a Gran Via*, esse genero perfeitamente hespanhol e original, excluindo as zarzuelas serias, essas massadas lyricas italianadas porque muitos hespanhoes deliram, mas que em Lisboa nunca conseguiram agradar.

A companhia annunciada para o theatro da Avenida, é uma companhia d'opera italiana a valer, que ja noticiou até para a sua estreia o *Baile de Mascaras* de Verdi.

Nós não morremos d'amores por este genero de espectaculos, por estas edições baratas de S. Carlos: mas o publico de Lisboa não é d'esta opinião, e que tem feito grandes successos de dinheiro a uma ou duas companhias italianas que durante o verão lhe cantaram mal no colyseu as operas que elle lhe custa a supportar bem cantadas em S. Carlos, durante o inverno.

A opera anunciada para a estreia denuncia o reportorio todo, uma reedição do reportorio *italiano* de S. Carlos: entretanto parece-nos que dentro do reportorio serio italiano ainda havia maneira de organisar uma serie de espectaculos interessantes em Lisboa, mesmo por uma companhia de segunda ordem; era ir desencantar no archivo as operas antigas que ha muitos annos se não dão em Lisboa e mesmo algumas que nunca se deram cá e que portanto são verdadeiras novidades para o publico de hoje.

Uma cantora italiana que aqui esteve ha dois ou tres annos e que deu muito que fallar no Porto, em Vizeu, e em varias terras de provincia, Madame Josephina Helder, quando pensou em organisar uma companhia lyrica de verão em Lisboa — o que não levou avante — tinha esse plano de reportorio.

E parece-nos que daria bom resultado: pelo menos tinha a seu favor uma cousa que é sempre um grande *clou* nos espectaculos — a novidade.

A companhia da rua dos Condes é uma companhia franceza no genero dos *Folies Bergères* de Paris, monologos, cançonetas e traz tambem no seu reportorio alguns *vaudevilles* e *operetas* n'um acto.

Além d'esta companhia, falla-se tambem que virá a este theatro dar alguns espectaculos durante o verão a companhia d'opera comica do theatro D. Affonso, do Porto, dirigida pelo illustre maestro Cyriaco de Cardozo.

Esta companhia tem um reportorio limitadissimo: não prima pela quantidade mas prima pela qualidade; e n'esse pequeno reportorio figura a celebre opera de Bizet a *Carmen* cujo desempenho nos dizem ser realmente primoroso.

Por esta rapida noticia dos espectaculos que se preparam para estes dois mezes vê-se que não faltarão divertimentos em Lisboa durante o verão; oxalá que o publico não falte para tanta coisa ou que o calor não sobeje.

E já que fallámos em theatros não terminaremos sem nos congratularmos com o publico pela resolução que teve a crise provocada no theatro de S. Carlos pela inesperada morte do sr. Campos Valdez.

Essa resolução foi a melhor que podia ser para os frequentadores do nosso theatro lyrico: os herdeiros de Campos Valdez continuam a explorar o theatro que a elle lhe fôra adjudicado por cinco annos, poucos dias antes da sua morte, e a direcção artistica do theatro fica a cargo do illustre maestro portuguez Augusto Machado. O nome do glorioso auctor dos *Dorias* e da *Laureane* á frente do primeiro theatro lyrico do nosso paiz é uma garantia segura da excellente administração artistica que esse theatro vae ter.

A alta competencia musical de Augusto Machado, o profundo conhecimento que tem de todo o movimento theatral moderno, affirmar-se-ha decerto brilhantemente na escolha dos artistas, na organisação do reportorio, e dão direito a esperar que o theatro de S. Carlos entre n'um periodo aureo, profundamente artistico e corresponda a todas as exigencias a que deve corresponder hoje o primeiro theatro lyrico d'um paiz.

Que assim seja, pelo publico, por Augusto Machado, cujo brilhante talento, nobilissimo caracter ha tanto tempo presamos, e pelos nossos ouvidos.

Gervasio Lobato.

GARIBALDI

(Continuado do n.º 377)

A ameaça de Garibaldi ao mesmo tempo que trazia o conde receioso derramara no coração de Margarida uma consoladora esperança.

Entretanto, por muito tempo, ambos julgaram que elle se teria esquecido de realisar o que promettera, quando afinal Garibaldi não aguardava mais do que a occasião opportuna para pôr em acção o seu plano.

Essa occasião offereceu-se-lhe finalmente depois de uma tempestade violentissima que se desencadeou sobre o palacio de Ramberg, onde uma faisca electrica ateando pavoroso incendio poz em perigo imminente a vida do conde e de sua filha.

Foi então que se apresentou Garibaldi e emquanto elle transportava por entre as ruinas em chammas o corpo inanimado de Margarida, levando-a sobre o seu cavallo para longe da *Montanha Negra*, alguns homens que o tinham acompanhado pozeram tambem o conde fóra de perigo desapparecendo em seguida pelo caminho em que os precedera Garibaldi.

Todos os esforços e diligencias do conde para encontrar o paradeiro da filha foram inuteis.

Tendo ido occupar uma outra propriedade que possuia a pequena distancia do local do sinistro n'ella se recolheu sem esperança de tornar a ver a sua Margarida, que elle chorou algum tempo perdida para sempre.

Esta procurou ainda seu pae por tres vezes exigindo-lhe com o seu perdão ,que reconhecesse Garibaldi por seu legitimo esposo, visto que um sacerdote tinha santificado essa união que elle julgava illicita, o conde negou-se a fazel-o nas duas primeiras vezes, porém á terceira nem ensejo teve de sustentar a sua inexoravel resolução porque Margarida apenas entrara no seu quarto caira-lhe aos pés prostrada por uma congestão pulmonar.

Levantaram-n'a d'um lago de sangue já sem vida.

Garibaldi esperou em vão o regresso de Margarida, porem, preso de um fatal presentimento resolve-se a ir á habitação do conde.

Inquire dos criados o seu destino porém nenhum lhe responde. Aquelle silencio opprimia-lhe o coração como um funesto presagio de desgraça.

Sóbe aos aposentos do conde e depara se-lhe então a fatal realidade.

Margarida jazia morta sobre um sophá; o conde ajoelhado contemplava-a attonito, petrificado, como esperando vel-a despertar d'aquelle somno eterno.

Garibaldi ajoelhou por sua vez ao lado do conde. Nunca mais uma imprecação ou sombra de resentimento quebrou a alliança amiga entre estes dois homens unidos pela grandeza da mesma dôr.

No dia seguinte a filha do conde dava o nome de *Margarida* a uma rocha ao pé da qual sepultavam os seus restos mortaes.

Foi em seguida a este luctuoso acontecimento que Garibaldi partiu para Marselha onde se alistou na marinha mercante.

*
* *

Passaram cinco annos, e o tempo que sara as feridas mais profundas da alma humana acabou por esmorecer a saudade que a principio Garibaldi tão indelevelmente julgara possuir por Margarida.

Estava então em todo o vigor a lucta dos republicanos do Rio Grande contra o exercito imperial.

Segundo Leydanier e o auctor da *Thdwght the of general Garibaldi*, a republica não tinha nem marinheiros nem vasos de guerra e Garibaldi tendo recrutado uns e feito construir outros, sustentava na *Lagoa dos Patos* uma lucta verdadeiramente heroica contra vinte e cinco navios de guerra brazileiros.

Nas margens d'esta *Lagoa* havia um grande numero de habitações ou *estancias*, casas de campo e ao mesmo tempo de recreio, occupadas por familias de emigrados de diversas provincias insurreccionadas, e que tinham ido ali procurar um refugio formando colonias.

Entre essas familias figurava uma de Laguna, de que fazia parte uma graciosa rapariga, trigueira como as creoulas dos tropicos, chamada Annita.

Garibaldi na sua qualidade de capitão tenente, sempre que o inimigo lhe dava occasião, vinha a terra relazer as extenuadas forças, e, foi n'um d'estes seus recreios de espirito, que o surprehendeu a voz de uma mulher, que verdadeiramente o encantou.

Desejando conhecer a pessoa que tão suave impressão lhe causara com o seu melodioso canto acercou-se lentamente d'uma elegante casa cujo rez do chão tinha as janellas abertas de par em par, e, só depois de se certificar de que não podia ser visto ou colhido em flagrante delicto de indiscripção, é que se acercou até perto de uma das janellas, podendo reconhecer, negligentemente deitada n'uma rede, a graciosa Annita, cuja imagem nunca mais conseguiu apagar do seu cerebro excessivamente impressionavel.

Affastou-se da janella com o mesmo cuidado com que chegara até ella e esperou melhor opportunidade para declarar á joven emigrada a sensação que lhe produzira a sua voz.

Afinal uma tarde Annita e Garibaldi encontraram-se.

— O capitão! Que agradavel encontro.

— Oh! Boa tarde, encantadora Annita.

— Com que então as tropas imperiaes deram-lhe hoje treguas, capitão? tornou Annita com descuidada travessura, mas olhe não se perca por estas immediações de minha casa onde depois de noite se torna bem difficil dar com o caminho da cidade.

— Não tenha receio Annita. Estes logares são-me familiares. Não é já a primeira vez que passo algumas tardes occulto n'um bosque de aloes que ha lá em baixo defronte d'aquella casa, para escutar uma voz de mulher verdadeiramente seductora que me impressionou com esta canção...

E em seguida Garibaldi poz-se a dizer a letra sem esquecer uma só palavra da canção que ouvira havia dias.

A' medida que Garibaldi fallava Annita mostrava-se mais attenta e cheia de surpreza, pois não lhe restava a menor duvida de que a voz que tanto impressionara o capitão era a sua.

Garibaldi notou esta surpreza e como o caminho se tornava difficil de andar offereceu o seu braço a Annita, que o acceitou sem repugnancia, parecendo comtudo absorta n'uma serie de indefinidos pensamentos.

Como procurando desvanecer alguma desconfiança, que por ventura assaltasse o espirito do capitão, perguntou-lhe:

— E' poeta?

— Algumas vezes tenho ouvido dizer que o sou. Porém confesso que me sentiria mais inclinado a acreditar similhante cousa, se os que o dizem não fossem meus amigos. Não obstante se ser poeta é amar a patria e sentirmo-nos decididos a arrostar com a morte para libertal-a da escravidão e conquistar a sua independencia, os meus amigos teem razão, sou poeta. No demais, peço-lhe que só veja em mim um soldado aventureiro, um corsario se assim o quizer, mas de todas as manei-

ras um proscripto que só tem no mundo tres cousas: a sua honra, o seu valor e a sua espada.

— Sinto que a minha amizade valha tão pouco que nem direito tenha de offerecer-lh'a.

— A amizade quando é sincera tem sempre grande valor, e a sua é para mim tanto mais preciosa quanto a considero pouco digna de ser offerecida.

Pouco mais do que isto disseram n'aquella tarde os dois enamorados, porém as entrevistas entre Garibaldi e Annita succederam-se, e pouco a pouco, entre elles, foi-se tornando indissoluvel esse laço fraternal, quasi religioso, que liga durante a vida duas existencias como identificando-as n'um só corpo, como formando uma só alma.

Esta união era igualmente proveitosa a um e a outro, porque se Garibaldi sentia duplicar o seu valor e a sua inergia com o contacto do caracter varonil de Annita, esta, destinada em breve a ser sua esposa, não podia deixar de ganhar tambem, costumada a admirar aquelle coração de fogo e os rasgos sublimes d'aquella alma aberta e generosa.

Sempre que Garibaldi e Annita se juntavam faziam-se mutuas confidencias dos seus segredos de coração de mistura com os planos da libertação do Rio Grande; e então Annita dava preciosos conselhos, entrando muitas vezes na organisação dos planos de campanha e, ao passo que ella se iniciava nos nobres designios de seu noivo, este achava em Annita um sustentaculo necessario aos seus planos e um estimulo ao seu valor.

Ambos, emfim, comprehenderam que, aquella força desconhecida que os animava e os tornava duplamente poderosos pela sua reciproca influencia, tinha chegado a tal ponto que era impossivel viverem separados, e por isso Garibaldi manifestou os seus desejos a Annita, tendo a generosidade de lhe fazer notar os perigos que a ameaçavam tornando-se mulher d'um proscripto, sem bens de fortuna, tendo apenas o valimento da sua espada, que o fazia estar continuamente em lucta aberta entre a vida e a morte; sem patria e sem familia, emfim passando uma vida errante e vagabunda, sem futuro e sem esperança de melhorar a sua desventurada sorte.

Annita longe de o repudiar respondeu-lhe offegante e commovida, enlaçando-lhe o pescoço com os braços meio nus, pondo a descoberto as suas linhas de uma esculptura caprichosamente cuidada.

— As nossas almas estão formadas para se comprehenderem, assim como os nossos corações foram feitos para se amarem. Sou creoula, isto equivale a dizer que nunca temi o perigo. Venham as fadigas, as privações e verás se sou ou não digna de ti!

Pouco tempo depois D. Pedro, pae de Annita, que tambem se affeiçoara a Garibaldi pelos rasgos de audacia dos seus feitos de armas consentiu no casamento de sua filha.

Começa n'este ponto esse largo periodo da vida de Garibaldi, em que os perigos se succedem sem interrupção, porém em que a fidelidade e a ternura de Annita parecem uma egide destinada a sustentar o valor e a excitar o espirito guerreiro de seu esposo.

«Mais d'uma vez, deixou escripto Garibaldi, me accusei horrivelmente por tel-a arrancado ao tranquillo retiro em que havia nascido para lhe dar em troca, perigos continuos, fadigas, privações e soffrimentos.

«Este pezar foi para mim mais profundo e amargo que nunca no dia em que a emboscada do Pó me obrigou a saltar em terra para subtrahir-me á perseguição da esquadra austriaca.»

*
* *

A 10 de dezembro de 1840 nasceu em S. Simon o primeiro filho de Garibaldi.

Annita, costumada ás fadigas e aos combates não tinha deixado de acompanhar seu marido desde o dia do matrimonio.

Todas as marchas e batalhas que encheram o periodo de dez mezes, foram testemunhas da sua intrepidez verdadeiramente heroica, tendo em muitas occasiões de arrostar com os horrores da fome.

Uma vez na confusão da refrega caiu prisioneira dos brazileiros.

Allucinada com a noticia de que seu marido havia succumbido, achou meio de illudir durante a noite a vigilancia dos seus guardas e correndo ao logar que fôra theatro da lucta ali procurou Garibaldi entre os mortos até que, compenetrada de que os seus receios eram infundados continuou a sua fuga tendo ao fim de dois dias a felicidade de juntar-se a elle.

Nem as exigencias da maternidade puderam nunca separar Annita de ao pé de seu marido.

A retirada do Rio Grande para Montevideu é das paginas mais commoventes da vida d'esta heroica mulher.

Teve de atravessar planicies vastissimas inundadas pelas recentes chuvas, e rios caudalosos, internar-se em bosques, salvar escarpadas colinas ao lado de Garibaldi, que com o filho junto ao peito, procurava aquecer-lhe os membros intorpecidos pelo frio.

Assim chegaram a S. Gabriel onde Garibaldi separando-se dos seus companheiros d'armas seguiu para Montevideu disfarçado em pastor.

Felizmente encontrou aqui amigos que o soccorreram com a maior liberalidade. Napoleão Castellani recebe Garibaldi em sua casa, João Baptista Cinceo y Riso prodigalisa-lhe onde ganhar os meios de subsistencia.

De pastor Garibaldi fez-se agente de negocios e em seguida passou a leccionar geometria no collegio do seu compatriota Paulo Semidei.

(Continúa) *Julio Rocha*

MELHORAMENTOS DE LISBOA

PONTE SOBRE O TEJO

Se a tivessemos já, se Portugal se podesse já orgulhar de ostentar na sua capital a maior ponte da Europa, não haviamos hontem gasto o melhor de 35 minutos para vir do Barreiro a Lisboa, nem o nosso somno e commodidade seriam perturbados mais cedo, para nos prepararmos para um trasbordo da carruagem em que chegámos á estação do caminho de ferro, para o vapôr em que tivémos de seguir, para o Terreiro do Paço.

O sonho de ligar as duas margens do Tejo por meio de uma ponte vae se encaminhando para se converter em realidade, graças á iniciativa e actividade do Snr. Bartissol e á intelligencia arrojada do distincto engenheiro Sr. Seyrig, o constructor da ponte D. Luiz, no Porto.

D'este sonho é reproducção a nossa gravura d'hoje, representando a ponte já construida, e vista da margem esquerda do rio.

O projecto dá á ponte a extensão de 2310 metros, completando-a com uma linha ferrea que partirá da estação do Rocio a ligar com a do Barreiro, n'um percurso de 15 kilometros e meio.

Do Rocio sahirá a linha em tunnel seguindo em curva para a esquerda, voltando assim de fórma a passar quasi sob a praça do Principe Real, e indo desembocar no valle formado pela rua de S. Bento, perto do palacio das Côrtes.

Atravessa então a rua de S. Bento em linha recta inclinando-se depois novamente para a esquerda n'outra curva, e passa por detraz dos Côrtes. N'esse ponto a linha será aberta em trincheira e em tunnel, e estabelecer-se-ha a estação da rua de S. Bento.

A calçada da Estrella é atravessada em subterraneo, e o seu transito não será interrompido nem pelos trabalhos nem pela exploração.

Este subterraneo prolongar-se-ha na extensão de 400 metros, indo a trincheira, que segue, terminar acima da Rocha do Conde d'Obidos.

E' facil, diz o sr. Bartissol na sua memoria publicada na *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, fazer chegar ahi uma estrada que, vindo da esquerda e da direita, communique com a ponte, pondo d'este modo, em relação directa e facil com ella, o bairro de Buenos-Ayres e a parte baixa da cidade, inferior ás Côrtes, como o Conde Barão, etc.

O encontro extremo da ponte será situado na proximidade immediata d'essa embocadura, e é d'ahi que as duas vias, a via ferrea e a via publica, partirão por sobre o rio.

Estabelecer-se-ha outra estação n'este ponto, destinada a facilitar aos habitantes do bairro da Estrella as communicações com a outra margem do rio. O accesso a esta estação será feito por meio d'um ascensor vertical propriamente dito, ou por um caminho funicular inclinado, que a communique com os caes o mais directamente possivel.

E' grande a importancia de tal communicação, attendendo a que este ponto, com as novas dockas em construcção, será de futuro um dos centros de maior actividade da capital.

Desde a bocca do tunel até a beira do rio ha quatro arcos, sendo os 3 pilares, dispostos — um para cá um pouco da linha dos caes actuaes, e os outros perto da calçada do Marquez d'Abrantes, e mais acima ainda, sobre a collina. O primeiro tramo e de 115 metros, e os outros tres de 160 metros cada um.

Do 3.° pilar parte o primeiro grande arco, 300 metros de abertura; Esta disposição deixa, pois um espaço livre muito consideravel, quer nos caes, quer no rio, para que as embarcações possam manobrar e atracar desafogadamente.

A partir d'ahi, a ponte avança por sobre o rio, indo os seus tramos alternando de dimensões. Sendo o primeiro de 300 metros, o seguinte é de 160, o immediato de 300 metros, o outro de 160, e assim successivamente. A ponte completa terá quatro tramos de 300 metros, e 6 de 160 metros; sendo o ultimo de 150 metros, similhante a um dos de 160 em consequencia da conformação do terreno marginal nas collinas de Almada, que obrigou a encurtar este arco.

A ponte vae effectivamente apoiar-se sobre essas collinas a um nivel elevado, deixando, como do lado de Lisboa, a margem do rio intacta, o que permitte de futuro a ampla liberdade de aproveitar essa margem para a construcção de caes e outros estabelecimentos, em que se pensa já de ha muito.

Em Almada estabelecer-se-ha a primeira estação, ao kilometro 4:450. As outras, que seguem, serão:

Piedade ao kilometro	....	6:460
Alfeite » »	....	9:300
Seixal » »	....	12:300
Barreiro » »	....	15:500

O entroncamento com a linha do sul será feito na propria estação do Barreiro, que assim não ficará inutilisada e poderá servir de deposito e officina de reparações.

Como se vê da gravura a ponte será de um só taboleiro, metade do qual é destinado ao transito ordinario, metade á via ferrea.

A largura total é de 25 metros nos pilares e 18 no taboleiro.

A altura do taboleiro para o nivel da agua é de 50 metros.

A perspectiva é elegante e digna de uma cidade como a nossa.

Pena será, pois, se tão grandiosa obra ficar só na gravura.

L. de Mendonça e Costa.

AS NOSSAS GRAVURAS

A ESCADA DE SALVAÇÃO «MAGIRUS»

Depois de tantas escadas de salvação para incendios, que teem apparecido, umas por invento e outras modificadas ou alteradas, ha actualmente quatro, chamadas *escadas Magirus* — por ser este o appellido do seu auctor — que vem preencher completamente o fim a que são dedicadas e que, por emquanto, é o melhor e o mais perfeito, que se tem visto, pela sua solidez, simplicidade, elegancia e facil tracção.

D'essas quatro escadas, duas alcançam a altura de 18 metros, uma 20 metros e outra 22 metros.

E' d'esta a gravura que hoje publicamos e que representa a escada arvorada, toda desapoiada, tendo 2 homens distribuidos em toda a sua extensão, o que é a mais importante vantagem do apparelho, porque dispensando o apoio, pode ser utilisada em differentes trabalhos, com especialidade os de agulheta, sem haver necessidade de encostar a escada ao predio incendiado, visto que presta o mesmo serviço collocada no centro de qualquer rua.

A escada recolhida e na posição horisontal é assente em quatro rodas, tendo bancada para cocheiro, tres bombeiros — unicos precisos para a fazerem manobrar — e puxada por dois cavallos.

A conducção é facillima em qualquer plano porque as rodas trazeiras teem grande alcance para facilitar a tracção, e porque o travão é tão bem feito e completo, que chega a paralysar de todo a rodagem.

A novidade do travão consiste n'uma fita metallica, preza por meio de gonzos ao fuso, a qual apanha em toda a sua circumferencia a parte interior do cuvo da roda, em logar de ser de braço e telha, como vulgarmente se usa para se travar, o rasto da roda.

Além d'isso o machinismo da escada é de grande simplicidade constando apenas de uma mani-

PONTE SOBRE O TEJO ENTRE LISBOA E ALMADA

CONFORME O PROJECTO DOS SRS. E. BARTISSOL E T. SEYRIG

(Desenho de L. Freire)

vella que movida por dois homens põe em movimento as escoras que sustentam o primeiro lanço e dão á escada uma posição quasi perpendicular, por meio de duas largas fitas de arame zincado, que se enrola em um sarilho collocado entre a rodagem da frente.

Uma outra manivella e sarilho desenvolvem os tres lanços ao mesmo tempo, a toda a sua extensão, usando-se do mesmo processo, mas com uma corda de linho e corrente de ferro.

Feito isto rapidamente — porque o maximo tempo que pode levar é um minuto — fica o apparelho em condições de segurança para subirem os bombeiros que a escada comporta. E como prevenção, além da corda e do dente da engrenagem do rodizio, que sustenta os tres lanços estendidos, ha uns descanços de ferro, no pé de cada lanço e junto dos banzos, que pousam sobre o degrau do lanço inferior, por meio de um contrapezo, que o primeiro que sobe tem de voltar para o exterior.

D'este modo, mesmo que faltasse a corda ou dente da engrenagem dos rodizios, havia os descanços de cada lanço da escada para a conservar estendida.

Para a escada não perder a posição perpendicular, desde que falte o dente da engrenagem do outro rodizio, ha nas escoras que sustentam o primeiro lanço uma chapa dentada, que pousa n'um travessão de ferro, e que permitte tambem diminuir-se á vontade, o angulo que a escada forma com o solo.

Na escada ha, tanto na frente como aos lados, ponteiros e prumos para nivelamento e um apparelho para inclinar a escada lateralmente.

A escada *Magirus* roda com tanta facilidade que n'um caso urgente ou de falta de cavallos póde-se armar com lança de mão, bastando só quatro homens para a conduzir.

Alem d'isso o apparelho é tão completo que se póde dar á escada a inclinação que se quizer para vencer a distancia occupada por um muro, portico, gradeamento de predio etc etc.

E finalmente, para se provar a solidez da escada *Magirus*, basta dizer que tendo se feito a experiencia com quatro homens pendurados a uma corda amarrada ao ultimo degrau da escada, que por ser o mais alto é de certo o mais fraco, o apparelho não cedeu, certificando assim que não deve haver o minimo receio de um desastre.

Por emquanto, em Lisboa, só ha uma d'estas escadas, a qual foi offerecida por S. A. o sr. infante D. Affonso, á Real Associação dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda, que presentemente é a primeira das associações voluntarias da capital, pois alem de já ter quatro esquadras, compõe-se de cerca de 40 homens de corpo activo e possue bastante e importante material, no qual se encontram 7 bombas de differentes systemas, 2 carros com 700 metros de mangueira, 1 carro de exploração com 300 metros de mangueira, 1 carro para conducção de pessoal, 2 pipas para agua, tiradas a cavallos, 1 carro de ambulancia e o carro *Magirus*, tirado a cavallos.

OS PORTUGUEZES NA REGIÃO DO NHASSA

POR

J. BATALHA REIS

DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA, ETC.

Traduzindo e estampando nas columnas do OCCIDENTE a monographia que, com o titulo acima, o sr. Jayme Batalha Reis publicou em inglez na *Scottish Geographical Magazine* (Revista escoceza de geographia) apraz-nos anteceder de breves palavras a versão d'este magnifico e patriotico trabalho.

O sr. Batalha Reis que é, como se sabe, consul de Portugal em New-Castle, está desde muitos mezes, desde o anno passado, sustentando rijamente na imprensa ingleza, uma verdadeira e benemerita campanha, em favor dos direitos e da honra de Portugal, contra o nosso fiel amigo John Bull.

Diga-se entre parenthesis, e com a devida venia pelo pleibeismo da lembrança; que *fiel amigo* só conhecemos um, fidelissimo em dias de magro; e esse não é inglez, é norueguez, e bem bom quando frescal e de lasca.

Proseguindo. A' menor aggressão que se esboce contra nós na imprensa ingleza, lá surge Batalha Reis, denodado e rapido, multiforme como Proteu, a defender palmo a palmo seu paiz, ora no *Leeds Mercury*, ora no *Scotsman*, ora no *Daily Chronicle*, em lucidos e energicos artigos, uns firmados com o seu nome, esse nome que é uma predestinaçao para a batalha, outros com algum pseudonymo de guerra, similhante á viseira de um paladino em torneio medieval. Realmente, o nosso intelligente consul em New-Castle está fazendo na Grã-Bretanha, e n'esta arena moderna da imprensa, alguma cousa similhante ao que lá fizeram o Magriço e os onze de Inglaterra. Com uma differença, porém: que Batalha parece não ter a ajudal-o na empreza, nem onze, nem um só dos seus compatriotas. Com effeito (como perguntava ha dias o honrado jornalista Antonio Ennes) o que é que fazem, — em todo este conflicto de Lourenço Marques, que nos põe o sangue a ferver e um tremor de colera na mão com que estamos escrevendo — o que é que teem feito os nossos diplomatas, que se não apressaram a esclarecer os governos e os periodicos da Europa ácerca dos verdadeiros termos da questão? — Parece que os senhores diplomatas portuguezes principiam a acordar, finalmente. O certo é que Batalha Reis, na imprensa ingleza, lembra-nos uma sentinella perdida, que, vendo-se rodeada e assoberbada de todos os lados pelo inimigo, continúa a defender-se sósinha e intrépida, até queimar o seu ultimo cartucho contra um exercito inteiro. Felizmente, porém, não lhe escasseiam munições. A rasão clara de Batalha Reis, o seu tenaz e consciencioso estudo das questões, a prioridade incontestavel dos nossos descobrimentos em Africa, a justiça fulgurante do nosso direito, fornecem-lhe um rico e inexgotavel arsenal de factos e de argumentos.

Quanto ao seu trabalho que hoje principiamos a publicar no OCCIDENTE, hão de os leitores vêr que é uma resposta brilhantissima, sem réplica, ás pretenções dos inglezes, á prioridade do descobrimento e á posse das regiões do Nhassa e do Chire. E um estudo cabal, claro, nitido e *exhaustive* como os inglezes diriam. O estylo de Batalha Reis não tem, felizmente para o caso, aquellas qualidades pomposas, tão retumbantes quanto vasias de idéa, que tanto agradam ao indigena d'aquem e d'alem do Caia e do Guadiana. Factos, muitos factos, excellentemente coordenados, e solidos argumentos, habilmente formulados, eis o que constitue a essencia dos escriptos de Batalha Reis.

A fórma, o arredondar periodos, os arrebiques da locução, tudo isso elle desdenha, felizmente; porque parece entender, e muito bem, que o jornalismo contemporaneo não é (que nos perdoe o sr. Latino Coelho) salão d'alguma dama delambida e sabichona do seculo XVII ou do seculo XVIII, nem tão pouco uma academia, nem ainda o *forum* dos Romanos ou o *agora* dos Gregos. E' apenas um campo de combate, onde a victoria pertence áquelle que vibrar os golpes mais rapidos, valentes e certeiros. E' assim que o comprehende Batalha Reis, e é isso mesmo o que convém para discutir com o inglez, já que infelizmente não temos exercito nem esquadra, para respondermos á Inglaterra com os unicos argumentos que ella respeita e logram convencel-a.

Um jornal de Paris *La France*, a proposito do actual conflicto, de Lourenço Marques pela Inglaterra levantada contra Portugal, lembrava a fabula do lobo e do cordeiro. E' sem dúvida, bem lembrada; mas não seria menos justa a comparação do caso com o apologo do leão decrepito, escoicinhado pelo burro, — com esta aggravante, porém: que o burro tem engordado enormemente, ha séculos, á custa do leão, e que este, para encher o estomago ao insaciavel jumento, andou á caça pelo mundo inteiro.

Desculpem-nos os leitores, bem como o nosso Batalha Reis, estes desabafos um tanto familiares, que nos foi impossivel soffrer. E creia o nosso compatriota, que muito folgamos prestando-lhe aqui, á nossa rude moda portugueza, a homenagem a que tem direito pelos serviços que está prestando ao paiz, defendendo-o contra o nosso mais antigo e perfido inimigo.

Fernando Leal.

Historiadores, geographos e viajantes inglezes teem, desde muitos annos, feito ácerca da Africa affirmações que levam á supposição de que ou elles não conhecem, ou não apresentam á sua verdadeira luz, muitos dos documentos que se referem ao descobrimento e exploração d'aquelle continente pelas nações europeas. Periodicos, revistas litterarias, livros de historia e até publicações geographicas, repetem quasi diariamente informações incorrectas, não desmentidas, de modo que, quando a attenção dos politicos se volta para assumptos africanos, encontram-se elles em face de uma historia e de uma geographia, a muitos respeitos imaginaria e falsa, e que passa comtudo por incontroversa.

Vou apresentar agora alguns d'esses documentos ignorados ou esquecidos, e, seguindo justamente o exemplo de outros collaboradores do *Scottish Geographical Magazine*, chamarei, em breves termos, a attenção para a importancia d'esses documentos em relação á situação actual n'aquella parte da Africa a que elles se referem.

I. Parece opinião firmada em Inglaterra e na Escocia que os seus viajantes descobriram, visitaram, exploraram o que elles chamam a região do Nhassa, anteriormente aos portuguezes, e que por conseguinte a Grã-Bretanha tem direito superior ao de Portugal ao dominio politico n'esses territorios. E' este o ponto que eu me proponho a examinar historicamente.

Vejamos emtanto, primeiramente, o que se entende por terras do Nhassa. Os territorios incluidos sob esta denominação dividem-se naturalmente nas quatro seguintes regiões:

1.ª Lago Nhassa e suas margens.

2.ª As terras marginaes do Chire, entre o lago Nhassa e o Zambeze.

3.ª As terras do lago Nhassa até as praias do Oceano Indico.

4.ª As terras do lago Nhassa para oeste.

II. Esforçar-nos-hemos antes de tudo por certificar, pela investigação de alguns documentos, quem foi que primeiro conheceu e chegou ao Nhassa.

Em uma carta escripta de Tete, na margem do Zambeze, pelo portuguez Luiz Mariano, em 1624, lemos o seguinte:

«O lago Hemosura demora a 27 dias de Tete. Está a meia legua de Maravi. D'este lago flue o rio Cherim,[1] a principio serenamente, mas que depois, por causa das numerosas rochas que encontra e onde as suas aguas embatem, se torna impetuoso a ponto de ser innavegavel. Maravi está situado entre o lago e o Zambeze. E' um logar densamente povoado, e nós (os Portuguezes) fazemos muito negocio com os seus habitantes... Não temos conhecimento da extremidade do lago, por ser muito extenso. Tem a largura de quatro ou cinco leguas e em algumas partes não se avista terra de uma para outra margem.»

Esta carta, cujo original só no seculo passado se encontrou nos archivos dos jesuitas em Goa, como nos informa o padre Francisco de Sousa,[2] foi publicada em Roma no anno de 1627.[3]

Hemosura é tambem o nome de um chefe que estava estabelecido perto do lago Nhassa, e com quem os portuguezes mantinham relações no começo do seculo passado.

No rio Cherim, *com as rochas obstruindo-lhe a corrente*, não é difficil, julgo eu, reconhecer o Chire com as suas cataractas a que os inglezes chamam cataratas de *Murchison*.

Em 1665, o viajante portuguez Manuel Godinho publicou a seguinte descripção:

«... O lago Zschaf... tem quinze leguas de largura mas o seu comprimento não é ainda conhecido... Segundo um mappa que eu vi, feito por um portuguez, que passou muitos annos no Monomotapa... e outros reinos d'aquella Cafraria, este lago não está muito longe do Zimbué ou côrte de Maraoia,... d'ahi nasce... o rio Chire, que... se lança no Cuama (Zambeze) abaixo de Sena... Quem deseje seguir este caminho (passar de Angola para o Oceano Indico) deve buscar o dicto lago Zachaf, e, tendo-o encontrado, descer por aquelles rios aos nossos fortes de Tete e Sena e d'ahi até a barra de Quelimane... Da existencia d'esse lago fui informado por Portuguezes que o encontraram, viajando pelo rio acima designado.[4]

E em 1710 Francisco de Sousa, em um livro escripto em 1695, larga compilação de narrativas e documentos do seculo XVI, publicou o seguinte:

«Todas as outras terras que se extendem até os confins do paiz Maravi, o qual se alonga até a villa de Tete, pertencem a reis e regedores que prestaram vassallagem aos Portuguezes... A cidade de Maravi, d'onde tira o nome o reino principal... dista de Tete pouco menos de sessenta leguas, demora no sertão a NNE. e pode estar na latitude de 12°. proximamente. A meia legua d'esta cidade vê-se um lago que se extende, parte para NE parte para N. e ninguem sabe ainda aonde chega. A sua largura é de quatro a cinco leguas e mais, e a margem oriental não se avista em algu-

---

[1] Quando cito auctores antigos, conservo aos nomes africanos a orthographia d'esses auctores. *Ch* em portuguez pronuncia-se como *Sh* em inglez.

[2] *Oriente Conquistado*, vol. I, pag. 839. Lx.ª 1710.

[3] *Lettere annue d'Etiopia*, etc. d'all'anno 1620-1624, pag. 374.

[4] *Relação do Novo Caminho que fez por terra e mar vindo da India para Portugal no anno de* 1663, Lisboa 1665; ed. 1842, pag. 200.

mas partes... Está coberto de ilhas despovoadas... Abunda em peixe, e com a força do vento embravece muito, levanta-se grande vaga .. O reino de Maravi jaz entre este lago e o Zambeze. Advirtam comtudo os cosmographos, se quizerem traçar este lago nos seus mappas, que elle não começa logo na cidade de Maravi, mas sim a uma boa distancia para o sul.» E, querendo mudar de assumpto, Francisco de Sousa continua: «Deixemos agora o enfado que causa o occuparmonos d'estas terras mais conhecidas e visitadas pelos Portuguezes,» etc. .[5]

Mas até que ponto conheceram os Portuguezes o rio Chire e o lago de Nhassa, no sentido de apreciarem a importancia de um e outro em relação ás terras interiores de Africa? Pelas transcripções feitas de Manoel Godinho, é manifesto que elle, em 1665, indicou o lago Nhassa e o rio Chire, como formando parte do melhor caminho a seguir na travessia de Africa do Atlantico ao Indico

Mas, além d'isso, eis o que Francisco de Sousa diz, em 1695: «Os padres da Companhia quizeram primitivamente aproveitar-se da navegação por este lago (do Maravi) para se dirigirem á Ethiopia, cujos portos no Mar Vermelho estavam áquelle tempo sob o dominio turco... Este trabalho de descobrimento carece de patrocinio regio, e nas margens do dicto lago deveriam construir-se barcos de vela e de remos... por ser impossivel aos homens levarem a cabo tão incerta e longa viagem em pequenos *coches*... Depois, seguindo.. a margem (do lago) n'uma jornada de quinze dias, o reino de Massi (Masasi, Masari, Muassi ou Muazi), e caminhando outros tantos dias, mais ou menos, o reino dos Ruengas, quasi na latitude de Mombaça.» (Ruga, Ruaha, U-rungu, U-rundi?) [6]

(Continúa).

Jayme Batalha Reis.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XVII

—Eu gosto de lidar com homens! continuou o major Rodrigues.

—Muito obrigado, agradeceu tolamente o Quim, sem perceber nada do que elle queria dizer.

—Não tem que agradecer: eu não o elogio por isso: tanto mais que sendo homem não faz mais do que o seu dever.

—Lá isso é verdade, emendou o Quim.

—Ser homem é o dever de toda a creatura que é macho, concluiu sentenciosamente o major Rodrigues.

O Quim curvou-se reverente perante este aphorismo profundo e não disse nada.

Houve um pequeno silencio entre os dois, ás escuras na saleta.

Quem o interrompeu primeiro foi o major.

—Pois meu amigo, começou elle, eu vinha cá dar-lhe conta do meu recado.

—De qual recado? perguntou muito espantado o Quim que não se lembrava de ter dado nenhum recado ao visinho major.

—Quer luz para ahi, perguntou serviçal a criada chegando á porta com um castiçal.

—Queremos, está bem de vêr que queremos luz, disse sem cerimonia, e como se estivesse em sua casa o major Rodrigues.

—Sim, ponha-a ahi, ordenou o Quim.

A criada poz o castiçal sobre a meza.

O major suspendeu discretamente as suas palavras, á espera que a creada se retirasse.

Quando ella se retirou recomeçou então.

—Pois como eu lhe ia dizendo, venho cá dar lhe conta do meu recado.

—Qual recado? repetiu novamente o Quim sem poder lembrar-se do que era a que o seu visinho se referia.

A esta pergunta repetida o major estendeu de novo a mão ao Quim.

—Já se não lembrava de tal? Bravo! Bravo! cada vez vejo mais que é mais homem! Bravissimo!

O Quim começava a estar deveras encavacado com aquelles *bravos!* com aquelles elogios, e com aquelles apertos de mão que lhe deixavam os ossos quasi que n'um feixe.

—Muito obrigado, mas...

—Fallei ao homem...

—Ah! fallou? disse elle sem perceber nada.

—Dá homem por si...

—Dá homem?

—Sim, o pae!

—O pae! ia repetindo o Quim intrigadissimo, sem perceber inteiramente nada.

—E melhor ainda, muito mais correcto!

—Ah!

—E está tudo arranjado!

—Ah! está?

—Correu tudo muito bem.

—Correu?

—O commendador Esteves é que principiou a empatar as vazas...

—O tal commendador Esteves queria por força a espada...

—Mas quem é o commendador Esteves? perguntou perfeitamente estupido, apalermado o Quim.

—Não o conhece?

—Não senhor.

—Não perde nada. Não me parece boa praça. Eu tambem o não conhecia mas embirrei logo com elle. O outro não, o Godinho é cá dos meus.

—O Godinho? Mas quem é o Godinho? perguntou o Quim serenando ao ouvir tantos nomes, e vendo que portanto não era d'elle que se tratava.

—Tambem não conhece? Esse é boi leal: eu e elle démos-lhe logo para traz. E' boi leal!...

O relogio da casa de jantar do Quim deu n'esse momento oito horas.

O Quim poz-se em pé.

—Eu peço-lhe mil perdões, disse elle muito amavel, mas são oito horas, e minha irmã está já á minha espera nas raparigas dos bolos...

—Então não quer saber por miudos o que se passou entre mim e o commendador Esteves e o Godinho?

—Eu tinha muito gosto em ouvil-o; mas minha irmã está á espera... fica para outra vez.

—Bello; assim é que é; gosto de vêr um homem assim! repetiu pela terceira vez o major Rodrigues, apertando pela terceira vez tambem a mão do Quim.

—O meu amigo desculpa-me, e não me leva a mal a sem cerimonia com que o ponho na rua, não é assim? disse o Quim muito risonho e delicado.

—Essa é boa! O meu amigo dá-me até n'isso uma prova eloquentissima da amisade e da confiança que deposita em mim.

—Oh! senhor!

—Confiança que eu não julgava merecer-lhe, mas a que sei corresponder, juro-lhe! certificou o major Rodrigues muito solemne.

—Oh! senhor! repetiu o Quim Barradas muito confundido e muito intrigado com aquelles rapapés do major Rodrigues, exactamente quando elle indelicadamente lhe cortava o fio ao discurso e o punha pela porta fóra.

E já com remorsos de ter sido tão grosseiro para com aquelle homem tão delicado, quiz adoçar agora a pillula e disse-lhe:

—Amanhã o meu bom amigo me contará isso tudo, e ouvil-o hei com todo o prazer: hoje se não fosse estar com tanta pressa...

—Pois não, perfeitamente; amanhã d'aqui até ao campo...

—Ah! o senhor amanhã vae para o campo? perguntou muito ingenuamente o Quim.

—Vou, vou para o campo, respondeu o major rindo muito, achando immensa graça ao dito do Quim, e caminhando com elle para a porta.

E depois de rir muito, riso que intrigou espantosamente o Quim, que não comprehendia a graça que tivera a sua pergunta, o major, ao chegar á porta da escada, parou, emquanto o Quim dava ordem á creada que viesse alumiar, e mudando rapidamente de tom, disse-lhe grave, serio, respeitoso até:

—O meu amigo dá-me licença que o abrace?

—Pois não! accedeu o Quim cada vez mais espantado entregando-se sem convicção nenhuma aos braços que o major Rodrigues estendia para elle.

—Faz bem n'estes tempos de poltrões e de maricas, abraçar um homem assim! disse o major commovido e enthusiasmado mettendo-lhe quasi que as costellas dentro.

Os dois desceram até ao primeiro andar.

—Eu fico aqui disse o major, parando defronte da sua porta.

—Ah! não sae?

—Não, vou-me deitar cedo para amanhã estar fresco. O senhor deita-se cedo tambem?

Não costumo.

—Ah! não costuma? perguntou o major abrindo muito os olhos.

—Não, deito-me sempre tarde.

—E levanta-se cedo quando é preciso?

—Levanto. Posso ter noitadas que nunca faltei aos meus deveres.

—O senhor é uma excepção na nossa terra hoje, meu amigo, disse o major Rodrigues novamente commovido, não imaginava que fosse assim. Permita-me que o abrace outra vez?

—Pois não, se tem n'isso muito gosto, promptificou-se o Quim desconfiado e meio assustado, porque principiava a suspeitar que o major ou tinha bebido a sua pinga de mais ou então estava mal de cabeça...

—E até amanhã! disse-lhe por fim o major, arrancando-se como que com esforço dos seus braços.

—Até amanhã...

—Eu lá lhe bato no forolho.

—Sim senhor, respondeu o Quim e muito contente por se ver livre do major desceu os degraus a quatro e quatro.

Quando ia já á porta da rua, ouviu correr atraz de si.

Voltou-se assustado.

Era o major.

Ficou assustadissimo e disse com os seus botões:

—Mau! querem vêr que teve alguma furia!

—O' sr. Barradas! sr. Barradas!

—O que é sr. major?

—O meu amigo permitte-me uma pergunta?

—Ora essa!

—Vejo que é um homem e por isso tomo a liberdade de lh'a fazer.

—Pois não, diga.

—O senhor tem testamento?

—Hein!

—Se tem testamento?

—Testamento.

—Sim.

—Não senhor nunca pensei n'isso!

—Nem disposições?

—Eu nem tenho nada de que dispor... só posso dispor da minha pessoa.

—E d'essa dispõe como um heroe, concluio o major. E' um homem! E' um homem!

E abraçando mais uma vez o Quim subiu a escada.

O Quim sahiu para a rua, murmurando com os seus botões.

—Está doido! coitadito: E eu que cahi em ficar de noute em casa d'elle! do que eu me livrei.

(Continúa)

G. Lobato.

REVISTA POLITICA

Encerrou-se hontem o parlamento, depois das successivas prorogações que lhe prolongaram a existencia quarenta dias alem do periodo legal: e se não se tivessem dado essas prorogações, teria sido o mesmo que elle nunca se tivesse aberto, porque nos tres mezes legislativos não se legislou cousa nenhuma, e só n'estes ultimos quarenta dias é que lá se conseguiu votar alguns projectos a despeito dos caudaes de rhetorica, com que a Universidade de Coimbra habilita prodigamente a não menor caudal de doutores que todos os annos arroja do seu decrepito seio para o seio da representação nacional e das secretarias do Estado.

Alguns projectos dissemos nós, porque nem foram todos quantos se haviam apresentado, nem os mais importantes que se haviam annunciado pela bocca do monarcha, no discurso da corôa ao abrir-se o parlamento.

As causas d'esta esterilidade parlamentar são sufficientemente conhecidas e criticadas, para que venhamos de novo com ellas a campo reeditar o que se tem escripto, sendo certo que ha um bom par de annos que o periodo legislativo não chega para nada e tem de se soccorrer ás prorogações para se votarem as leis mais urgentes incluindo o orçamento, que ninguem pensa em discutir.

Com isto apenas se prova que o periodo legislativo apesar de não chegar para legislar, é demasiado longo, porque consumindo-se tres mezes em interpelações com que a opposição procura derrubar o governo, e em moções com que a maioria o quer conservar, approvam-se depois as leis, como para assim dizer, como apendices, nos regateados dias que o Conselho de Estado lhe concede alem do periodo marcado pela Carta.

Quando chega, porém, este periodo supplementar, é que então o parlamento legisla regularmente, se regular se pode chamar ao modo como essa legislação se faz, por atacado, como ainda na sessão de 5 do corrente, em que se approvou nada

[5] *Oriente Conquistado*, vol. 1, pag. 838, 839.

[6] *Ibid.* pag. 838, 839; ed. 1710.

menos de oito projectos, alem de differentes pareceres apresentados pelas respectivas commissões.

Esses projectos, sem serem de uma importancia capital, é preciso que sejam muito innocentes para que a camara os podesse apreciar no lapso de algumas horas, ella que tem consumido sessões a discutir sobre o modo de propôr.

O que mais preoccupava o governo nos ultimos dias do parlamento, era a passagem na camara alta do projecto de auxilio aos bancos do Porto, que a opposição baptisou com o nome de *Tramoia de Leixões*.

Mas esse projecto passou, e portanto desde aquelle momento que o parlamento se considerou encerrado e findos os seus trabalhos.

E agora é o caso de se dizer, como em tempo o povo de Lisboa dizia, quando os tambores nas ruas annunciavam a partida da Nau dos Quintos — «quantos irão que não voltarão», porque o trienio ligislativo findou e agora tem de se consultar o paiz, chamando-o á urna lá para o outono, quando as folhas cahem e se semeiam os alhos.

Como dissemos no final da nossa ultima revista, a questão do caminho de ferro de Lourenço Marques é o que mais preoccupa n'este momento a politica portugueza, não deixando de interessar tambem a politica estrangeira.

Entretanto confirma-se tambem o que na nossa referida revista previa-mos, com respeito á attitude que a Inglaterra parecia tomar n'esta questão.

Depois dos primeiros desabafos mais ou menos legitimos dos accionistas inglezes, desabafos que encontraram logo a mais pronunciada opposição em toda a imprensa europea, a questão entrou n'um caminho menos accidentado em que o direito que assiste a Portugal deve ser respeitado, e em que o governo inglez reconhecerá a injustiça do seu primeiro procedimento.

E em quanto, á mingua de outros argumentos, os argentarios landrinos trazem a campo a problematica divida do nosso paiz á Inglaterra, o governo portuguez que lhes apresente as contas do barão de Ribeiro Sabrosa, que estão de ha muito feitas no ministerio dos estrangeiros, e que ellas ao menos sirvam para mais alguma cousa que demittir ministros.

João Verdades

RESENHA NOTICIOSA

EXPOSIÇÃO DE UTENCILIOS DE CAÇA E DE PESCA NO PALACIO DE CRYSTAL DO PORTO — O Club dos Caçadores da cidade do Porto resolveu fazer uma exposição no Palacio de Crystal, que deverá ser inaugurada no dia 11 de agosto proximo e encerrada no dia 25 do referido mez.

A exposição constará de cães, armas antigas e modernas e utensilios de caça e de pesca. Haverão premios de medalhas de ouro *(vermeil)*, de prata, de bronze e menções honrosas que serão conferidas pelos jurys.

Os expositores deverão enviar os seus exemplares até ao dia 25 do corrente á excepção dos cães que só serão admettidos na vespera da abertura da exposição.

As pessoas que quizerem concorrer a este certamen podem dirigir-se á commissão executiva no Palacio de Crystal do Porto.

Esta exposição, a primeira segundo nos parece que d'este genero se faz no paiz, deve despertar o maior interesse por parte dos amadores da caça e da pesca, e offerecer ao publico grande curiosidade.

UM QUADRO DE HOLBEIN. Consta que a Academia de Bellas Artes lembrou ao governo, para este fazer recolher ao Museu Nacional, um quadro de Holbein, que ha annos fôra confiado a El-Rei D. Fernando e depositado na sua galeria do Paço das Necessidades.

Este quadro, um dos mais notaveis que d'aquelle pintor existem em Portugal, foi feito em 1515 e parece que offerecido para a real capella da Bemposta pela infanta de Portugal D. Catharina, filha de D. João IV, e esposa de Carlos II de Inglaterra.

O quadro em questão foi mandado restaurar cautelosamente por El-Rei D. Fernando, e não figura no inventario do seu espolio.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Historia do Infante D. Duarte irmão de El-Rei D. João IV, por José Ramos Coelho, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e da Real Academia de Lucca, socio do Instituto de Coimbra e socio honorario do Gabinete Portuguez de Leitura do Maranhão. Obra fundada em numerosissimos documentos e com desenhos do architecto milanez o sr. Lucas Beltrami e phototypias do sr. Carlos Relvas. Tomo I. Lisboa, por ordem e na typographia da Academia

ESCADA «MAGIRUS»

Real das Sciencias, 1889. Um volume de 740 paginas, XXI de prologo e 1 de erratas in-8.º

E' este o escripto mais completo que até o presente se tem publicado arrespeito do desditoso infante D. Duarte, uma das victimas mais sympathicas da restauração da independencia de Portugal, e para ser assim completo, importou para o seu auctor, o sr. Ramos Coelho, primoroso poeta que alia á elevada inspiração da sua muza a correcção irreprehensivel dos seus versos, um trabalho enorme de investigação, e que não se limitando a reunir o que se tem escripto arrespeito do irmão de D. João IV, e nem mesmo se contentando com o que foi desentranhar dos archivos nacionaes, emprehendeu uma viagem a Milão para investigar na bibliotheca d'aquella cidade os documentos que sabia ali deviam existir a este respeito, e os copiou, enriquecendo assim o seu trabalho com tudo quanto podia fazer inteira luz sobre a vida do infeliz principe, que tanto receio inspirou aos hespanhoes.

A *Historia do Infante D. Duarte* que o sr. Ramos Coelho acaba de publicar, por intermedio da Academia Real das Sciencias, que a mandou imprimir, não é uma simples biographia d'um principe, cujo interesse se restrinja apenas a uma individualidade; ella abranje e liga-se com os acontecimentos de um largo periodo da historia patria, com uma epoca em que entre Portugal e Hespanha se debateram os direitos da nossa independencia; e tanto basta para que o livro do sr. Ramos Coelho desperte no publico illustrado o interesse, que todos os escriptos historicos do alcance e valor da *Historia do Infante D. Duarte*, costumam encontrar n'esse publico.

O sr. Ramos Coelho, segue a vida do illustre e desventurado principe d'esde o seu nascimento, em Villa Viçosa, até á sua morte longe da patria, com rara minuciosidade, e fundamenta este seu procedimento nos seguintes periodos que escreve no prologo d'este vol. e dizem:

«Muito differente é o nosso escripto, na extensão, nos fundamentos e na contextura, de todos os mencionados: na extensão, porque, emquanto Birago só dedica ao infante o livro sexto da sua historia, a qual fórma apenas um volume de oitavo, D. Antonio Caetano de Sousa cincoenta e cinco paginas da sua monumental obra, o conde da Ericeira menos, o marquez Cusani, o sr. Silvestre Ribeiro e Veer um folheto pequeno, e os manifestos e sermões só poucas paginas, a nossa publicação abrange dois volumes de mais de sete centas paginas cada um, nos fundamentos porque a nossa obra estriba-se nas correspondencias officiaes e em memorias fidedignas, em quanto as suas carecem muitas vezes d'esses solidos alicerces. ou os dispozeram de tal maneira que ficaram inconsistentes, incluindo a propria historia de Birago, que na parte relativa ao infante se deriva muito menos d'elles do que das informações do seu verdadeiro auctor, Taquet; e na contextura porque a area em que construimos o nosso edificio é muito mais extensa, e porque á vida propriamente do infante se entretecem, não para enfeite, mas por necessarios, muitos acontecimentos do seu tempo, e até dos anteriores, quer de Portugal, quer de paizes extrangeiros, ao passo que as já publicadas de pouco mais tratam do que da sua biographia.

Necessarios chamámos a estes acontecimentos, e assim é. Com effeito, como formar idéa da juventude, da educação, da mocidade, dos passatempos, emfim da existencia de D. Duarte nos paços de Villa Viçosa, sem descrevel-os, sem descrever a grandeza da casa de Bragança, sem mostrar a influencia do caracter de seu pae, o duque D. Theodosio, e de sua avó, a duqueza D. Catharina, no seu espirito, sem esboçar em quadro rapido os successos politicos em que no seu tempo figurou o velho duque, por cujo caracter se foi conformando o de seu filho? Como penetrar as causas da animosidade do governo hespanhol a D. Duarte sem alumial-as, prescrutando o estado das relações entre o dito governo e a côrte ducal? Como afigurar-se a sua carreira militar, para o que ha tão poucos subsidios, sem historiar as campanhas do exercito em que militou? Como explicar ou attenuar a acção traiçoeira e ingrata do imperador Fernando III, sem lhe collocar ao lado a preponderancia illimitada da Hespanha sobre a Allemanha? Como comprehender os conselhos que o infante deu de dentro do castello de Milão ácerca dos negocios de Portugal, sem saber quaes eram esses negocios? Como comprehender o que se passou no congresso de Munster com relação á sua liberdade, sem descrever este grande theatro dos interesses e das intrigas politicas da Europa e sem pôr em scena os seus principaes actores?»

A este primeiro volume, que trata desde o nascimento do infante até 1643 ou um anno depois da sua prisão, segue-se o segundo tomo que se occupará de todas as circunstancias que acompanharam a prisão e diligencias que foram feitas para o libertar até que morreu etc.

Esse segundo tomo já se está imprimindo na typographia da Academia Real das Sciencias.

Adolpho, Modesto & C.ª—IMPRESSORES
25 A 43 — RUA NOVA DO LOUREIRO — 25 A 43